

## CONHECIMENTOS UTEIS.

### ILLUMINAÇÃO ELECTRICA.

3143 CONTAMOS no primeiro volume d'este jornal a pag. 77 que um professor de Hall, por nome *Meincke*, tinha inventado uma iluminação electrica de que já elle se servia para ler e escrever em sua caza e que propunha para uso geral das cidades, sendo a sua luz como a de bom luar em noites serenas e de todo o ponto innocentissima. O invento do professor algum estôrvo deveu de encontrar, pois que se não generalisou logo. Todavia a luminosa idéa ficou por semente; e agora quasi tres annos apóz, lá rebenta n'outra parte. Veremos se já d'esta feita irá avante.

Lemos em diversos jornaes com grande alvoroço pregada a noticia de se haver, na cidadella de Montpellier, experimentado a iluminação electrica para ar livre, que surtiu o melhor effeito: a sua luz foi calculada em metade da do sol e a quinhentos passos de distancia facultava o ler. Um farol asado no centro da immensa Paris, conjecturava-se que bastaria para a illuminar toda, e desterrar d'ella a noite de uma vez para sempre.

« Se é certo que as camaras municipaes de Lisboa e Porto teem entrado em contractos para a iluminação das duas cidades por gaz, parece que conviria que nada de definitivo concluíssem, emquanto se não determinasse o valor das experiencias que se devem fazer em Paris sobre a luz electrica. »

Esta mementosissima ponderação, que a extractamos de uma carta com que nos honra o Exm.<sup>o</sup> Sr. Visconde de Sá da Bandeira, conforma inteiramente com a doutrina de um magistral artigo do Sr. O. C. publicado no nosso numero de 1 de fevereiro d'este anno, e com a do requerimento dos Srs. Guimarães e Rubião que reimpremos em o nosso artigo 2699.

A ambas as dictas camaras municipaes, respeitosa mas instantissimamente supplicamos, repondérem na sua alta sabedoria tudo o que então se allegou e se provou superabundantemente.

### ADVERTENCIA INTERESSANTE AOS CREADORES DE BICHOS DE SEDA.

(Carta.)

3144 SÓ HONTEM e por acaso, me veio á mão o artigo 2951 do seu muito apreciavel periodico, em que se me pedem alguns esclarecimentos e informações a respeito do modo de converter os casulos em seda. Cumpre dizer-lhe para minha desculpa, que eu nunca recebo, nem recebi a *Revista* senão por mero obsequio de amigos; escrevi ha muito tempo, pedindo que se me enviasse este interessante jornal, e me considerassem como um constante assignante, mas supponho que a minha carta foi ou perdida ou esquecida, porque até agora não me chegou nem um só numero.

Porém os seus leitores nada perderam por certo por esta involuntaria falta da minha parte: pelo contrario alcançaram que o Sr. Isidoro José Gonçalves se apresentasse com o seu artigo n.<sup>o</sup> 3007, a responder ás perguntas do Sr. Manuel José Affonso, e a esclarecer por este modo os creadores de bichos de seda,

JULHO — 11 — 1844.

que ainda não conhecem o processo pratico de reduzir os casulos a fio sérico.

Quanto a mim devo sinceramente confessar, que pouco ou nada me seria possivel accrescentar a quanto já tenho publicado no meu pequeno tractado (\*) « sobre a *Arte de cultivar a seda* » nos capitulos que tractam especialmente da fição. ; E como seria possivel aprender a fazer çapatos, ou a ingenhar um casaco para um de nossos *dandis*, sem haver nunca frequentado a officina de um habil mestre çapateiro, ou alfaiate, e só com o auxilio de um manual?!

O modo summario porém, com que o Sr. Gonçalves communicou ao publico as suas idéas sobre a fição da seda em Portugal, foi talvez a causa de lhe escaparem algumas pequenas inexactidões, que lhe peço respeitosamente licença para rectificar.

1.<sup>o</sup> Não é na Beira Alta, mas na provincia de Traz-os-Montes que se produz a maior quantidade e talvez a melhor qualidade de seda em Portugal. Não só algumas arrobas, como diz o Sr. Gonçalves, mas alguns milheiros de arrateis de seda são annualmente produzidos nos districtos de Miranda, Villa Real e outros, que os retrozeiros do Porto compram por 14 ou 15 tostões por arratel, sendo aquella seda muito grossa, desegual e muito estragada pelo fumo. Se em logar do machinismo descripto pelo Sr. Gonçalves, se servissem as fiandeiras de Traz-os-Montes de mais modernos aparelhos e especialmente do ingenho piemontez, e se em logar de sujas e miseraveis choupanas tivessem laboratorios grandes e regulares para a fição dos casulos, não ha duvida nenhuma que as sedas portuguezas se venderiam entre nós pelos mesmos preços que se pagam aqui pelas melhores sedas importadas, e poderiam vantajosamente entrar em concorrência com as sedas de Italia no mercado de Londres.

2.<sup>o</sup> É tambem inexacto o que o Sr. Gonçalves diz a respeito de fazer *ferver* os casulos por alguns minutos na caldeira. Uma fiandeira, que commettesse o erro de deixar, ferver os casulos destruiria inevitavelmente toda a materia gommosa e sérica dos casulos mesmos, e seria irremissivelmente expulsa de uma fição regular. — Devo portanto repetir o que tive occasião de dizer muitas outras vezes, que só estabelecendo em diferentes localidades fições regulares com os methodos modernos é que se poderá tornar popular e proveitosa a cultura da seda em Portugal.

A minha colheita de casulos d'este anno realisou-se ha coisa de vinte dias, e me deu muitissima satisfação. Apesar de ter padecido os mesmos inconvenientes do anno passado, quero dizer, escassez de folhas (porque as minhas amoreiras foram todas transplantadas n'este anno) e intemperie d'estação, não tendo nem estufa nem fogão no quarto dos bichos, a colheita foi sofrivelmente abundante, e a qualidade dos casulos verdadeiramente perfeita. Não chegaram talvez a 2 por cento os bichos que morreram por enfermidades: 300 casulos tomados ao acaso e sem escolha pesavam um arratel e quatro onças, sendo 15 casulos por onça: a quantidade em geral corresponde a 77 arrateis e meio por uma onça de semente. Em um folheto em fórma de circular, que vou publicar

(\*) No escriptorio da *Revista Universal* ainda se acham á venda alguns exemplares d'esta interessante obra.

quanto antes, receberão meus amigos uma especie de relação de tudo o que eu fiz n'este anno a respeito d'esta nova colheita, e communicarei tambem algumas cartas, que sobre o mesmo assumpto me foram dirigidas por varios curiosos d'esta arte verdadeiramente interessante e proficua.

— L. W. Tinelli.

A precedente carta, pela gravissima auctoridade de quem n'a escreve, vem corroborar-nos em a nossa antiga e já muitas vezes manifestada opinião, — de que não basta que os lavradores e curiosos criem casulos, mas que é necessario — que estes se lhes comprem em bruto, para serem devidamente fiados por mãos proprias e amestradas no mister. O grande principio inglez da subdivisão do trabalho não pôde n'esta materia ser preterido sem graves penas, impostas pela natureza mesma das coisas. Os pequenos creadores, querendo fiar por sua conta, serão maus creadores e maus fiandeiros, — emvez de lucrar perderão, e a ruim seda, por elles produsida, quando optima poderia sair, desacreditará á nascença este producto de tão altas esperanças.

Muitos lavradores attenderam ás nossas reiteradas instancias, — e Portugal conta já hoje alguns centos de milhares de amoreiras de diversas especies e tem a probabilidade de ver este numero adiantado de anno para anno.

Possam os especuladores, que desejarem ganhar muito mas não solitariamente, — que amarem mais a sua fortuna quando a fortuna publica for travada com ella, — que preferirem o muito dinheiro exprimido pelo trabalho honesto ao muito dinheiro chovido das nuvens pelos conjuros da agiotagem, — e que intenderem que não ha rir um bom rir, nem saborear eguarias quando á roda de nós vozêa a fome e correm lagrimas, — possam esses especuladores, homens de bem e bastaria dizer homens, resolver-se emfim a prefazer e consolidar a obra, já começada e adiantada por outros, comprar em rama e por honesto preço toda a seda produsida para a exportarem, se parecer esse o melhor arbitrio, ou, o que será oiro sobre azul para este reino, fial-a, tecel-a, tingil-a, e vendel-a.

Ainda uma vez nos dirigimos, como procuradores em nome do povo e da patria, aos benemeritos senhores do contracto do tabaco, que em sua mão teem, se o quizerem, o realisar de subito um milagre industrial que os fará lembrados na mais remota posteridade.

#### Á COMPANHIA DAS PESCARIAS, E AOS ESPECULADORES.

3145 « O PEIXE *Azeite* produz um azeite de optima qualidade. A abundancia d'esta especie de peixe (*nos mares d'Angola*) forneceria occupação a muitas empresas, destinadas a este unico e lucrativo ramo de industria, accrescendo a habilidade e gosto dos negros para este trabalho; ao qual se davam n'outro tempo com cuidado, havendo vestigios nas ilhas do Coanza de ter sido muito prezado; mas o pouco interesse que tiram hoje de suas fadigas, e as costumadas jornadas a que os obrigam os negociantes, para conducção de suas fazendas, desviando-os de seu destino, os teem feito abandonar esta occupação, que seria da maior vantagem animar e proteger. »

*Motta Feo. — Angola. — pag. 370.*

*Observação.* — Se a companhia das pescarias ou outra empresa se determinasse a fazer a pescaria nos rios e mares d'Angola, ou nos de outra colonia portugueza, devêra tratar de obter antes a isenção de qualquer outro serviço e de qualquer novo tributo, para os negros pescadores que empregasse, por um certo numero de annos pelo menos.

Peixes de numerosas especies são abundantissimos nas aguas das ilhas de Cabo Verde, e nas d'Angola especialmente no porto de Mossamedes e outros portos das visinhanças do Cabo Negro. Diz-se que algumas d'estas especies são tão proprias como o bacalhau para salgar e conservar. Sendo assim, poderemos ter nas terras das possessões portuguezas, a mesma vantagem que os inglezes teem na Terra Nova, onde vão seccar o peixe que pescam nos bancos. Faltando o sal levado da Europa, acharão os nossos pescadores abundancia d'elle nas ilhas de Cabo Verde, e porto de Benguela.

Todos os annos frequentam os americanos com um grande numero de navios, os mares dos Açores, para a pesca das baleas e outros cetáceos; elles tambem os vão pescar perto de Cabo Verde, e nos portos ao sul de Cabo Negro; a população maritima dos Açores ministra todos os annos reforços de gente aos baleeiros americanos; de modo que n'aquellas ilhas encontram-se muitos maritimos com esta pratica. Tambem se encontram alguns nas ilhas de Cabo Verde. Se as viagens para a pescaria de baleias para além dos Cabos da Boa Esperança e de Horn, não parece, attendendo ás distancias e á pouca pratica portugueza, que devam ser uteis á companhia, o mesmo não acontece com aquella que se fizesse nos Açores, etc.

Algumas cidades americanas teem prosperado d'um modo extraordinario com a pescaria das baleias. — Os officiaes que teem estado nas estações navaes podem dar informações importantes sobre o assumpto.

Fazendo-se estas pescarias na costa africana mencionada, o peixe secco tem no interior do paiz, e no sertão um immenso mercado: e em Pernambuco e outros portos do Brasil, tem consumo por preços subidos o peixe preparado em Africa, como a especulação de alguns Americanos dos Estados Unidos o tem mostrado.

\* \* \*

#### THESOIRO PARA NAUFRAGADOS.

3146 BEM que já noticiámos, depois de muitos outros inventos, destinados a salvar os naufragos de se affogarem, o dos colchões de cortiça em pó; insistiremos ainda n'esta idéa ingleza, tão preciosa pelos seus effeitos, como facil e commoda na execução; sim, insistiremos n'ella, até vermos que o ministerio da marinha e os donos de navios a adoptam; para o que agora traduziremos da *Revista encyclopedica* de abril o artigo intitulado *Matelas de sauvetage*. Esta *Revista encyclopedica* é de Paris d'onde se conclue, que os francezes tomaram na devida consideração o alvitre dos seus vizinhos. Não ha vergonha em não inventar, mas em não lançar mão do bom, que se inventou, ha muito grande vergonha.

« O colchão de salvamento é de panno de linho ordinario, e recheado de perto de dez kilogramas de cortiça moída, com a qual apresenta um volume de seis pés de comprimento, tres de largura e quatro polegadas de altura. »

« Teem-se feito já muitas experiencias; contaremos uma por nós presenciada. Atirou-se o colchão á água; tres boas polegadas da sua altura ficaram á flor d'ella, mergulhando apenas uma: um marinheiro veio nadando para elle, alcançou-o; e agarrou-se-lhe de quantos modos soube; subiu-lhe para cima, já por um já por outro lado; assentou-se n'elle em todas as posições possiveis; sustentou-se em pé em equilibrio; deitou-se ao comprido e atravessado, e não foi para elle, por mais que fizesse, obrigar o seu rebelde estrado a afundar-se nem meia polegada mais: — desenganado d'alli entrou a fazel-o navegar com sofrivel velocidade, servindo-lhe de remos as mãos. »

« Taes colchões ficam sendo d'aqui por diante indispensaveis á marinha como remedio certo para salvamento, mormente sendo, como são, optimas camas para bórde; porque não ha palha nem feno tão fofos como a cortiça em pó. Chegada a desgraça tem o marinheiro sempre á mão no seu camarote o livramento. Só esta certeza bastará para lhe metter animo e indusil-o a permanecer no navio por maior que seja o perigo de naufragio; por onde muitas vezes succederá que ainda ajude a livral-o de perder-se. »

« ¿ E com que facilidade e pressa se não podem tambem ligar muitos d'estes colchões uns aos outros para formar uma jangada? basta haver nas ilhargas de cada um com que se prenda ás dos outros — cordas, correias afileladas, o que se quizer. »

« Se os colchões forem feitos de lona forte como as vellas não ha jangada de madeira mais segura e indestructivel do que ha-de ser esta. É escusado dizer, que, se isto se chegar a pôr em uso, deverão os colchões, além dos atilhos sobredictos, ter egualmente cordas ou correias bem seguras com que os naufragados se prendam, para não serem varridos por qualquer vagalhão que sobrevenha. »

« Todo este systema de salvamento, que já é muito para acceitar, póde ainda ter, bem se vê, aperfeiçoamentos e ha-de tel-os. Esperamos que o Sr. ministro da marinha olhe para este ponto com attenção. »

#### PERCEVEJOS.

3147 E' ESTA a estação, em que os percevejos mais se desinvolvem nas casas, diz-se que o oleo de linhaça com sublimado corrosivo é optimo remedio para os extinguir. (Communicado.)

#### GORGULHO.

3148 VERIFIQUEI o que se diz em varios artigos da *Revista* sobre os remedios para matar o gorgulho. Para não cançar os leitores bastará dizer, que taes processos e receitas não aproveitam; mas eis-aqui como em muitas terras do districto d Aveiro, se tem conseguido o desejado effeito: — appolvilham-se os celeiros ou caixas dos cereaes com cal fina em pó.

Os celeiros assim estão livres do gorgulho. Nem tenha alguém receio de lançar a cal, porque ella vae ao fundo dos celeiros, nos quaes se podem padejar os restos que n'elles ficarem, para lhes extrahir a cal.

B.

#### CONSERVAÇÃO DE PAINES.

3149 A SOCIEDADE d'encouragement em París propoz Mr. *Beulard* um invento, para se conservarem em bom estado os paines, que, por acostados a paredes

mal seccas, em pouco tempo se estragam. Eilo-a-qui.

Pinta-se o avesso do panno do painel com uma ou duas demãos de oleo; antes d'este seccar, cobre-se de folhas delgadas de estanho, as quaes pegam perfeitamente, e querendo-se, para mais segurança, por cima do estanho torna-se a dar com o oleo.

A sociedade deputou alguns de seus membros para assistirem á verificação da receita: pegou-se em um painel, meio aparelhado pelo methodo de Mr. *Beulard* mas com o restante do panno no seu estado natural, sem confeição, imposição, nem casquinha alguma; metteram-n'o em um subterraneo humido com o fundo para cima, cobriram-n'o de terra lenta, a qual por espaço de tres mezes ficaram regando para que não seccasse: — quando o desenterraram, descobriram, com admiração, que a parte medicada estava sã e sem nenhum estrago sensivel: o demais pôdre e consumido.

#### SOBRE AS AGUAS LIVRES.

3150 Já no artigo 2740 expozemos os inconvenientes de se não analysarem as aguas de Lisboa. Tornamos ao assumpto.

As aguas de Lisboa estão pessimas, tanto no sabor como em todas as suas propriedades chemicas; fervidas depositam no fundo das vasilhas quantidade immensa de saes insoluveis. ¿ Porque se não analisa? não sabemos: Não é por falta de sociedades scientificas. O que sabemos é que ha uma auctoridade a quem isso compete, e que tambem ha uma sociedade, que não será a primeira vez, que tenha sido encarregada d'esse mesmo mister, e o tenha cumprido dignamente. Isto não é objecto de luxo, é saude publica, não podemos portanto deixar de lembrar outra vez o nosso artigo 2740 na *Revista Universal*, pedindo a Deus que nos depare alguma providencia e que a Exm.<sup>a</sup> Camara haja de applicar o ouvido a uma supplica tão justa que seria deshumanidade atroz o desattendel-a. *Isidoro José Gonçalves.*

#### SOBRE A VIAGEM AÉRIA.

(Carta.)

3151 RECEBI a estimadissima carta de V. e as duas Gasetas de Madrid n.<sup>os</sup> 3568, e 3570 em que vem a noticia da maravilhosa viagem aérea do balão que saíu de Northwales na Inglaterra, levando 8 homens e provisões para 15 dias, com diversos instrumentos de optica e nautica, e que teve a fortuna de atravessar o mar oceano em 65 horas chegando a salvo ás costas da Carolina, nos Estados Unidos da America. Esta noticia é tirada do *Times* e parece ser extrahida dos proprios diarios dos aeronautas; mas permita-me V. que eu me expresse com franqueza e diga que tenho mui fortes fundamentos para duvidar d'ella, podendo asseverar-lhe que me parece uma pura ficção, ou que se em verdade aconteceu tão extraordinario e felicissimo successo não foi como se conta: logo provarei o que digo e descreverei agora como era o balão; e os novos melhoramentos que fez Mr. *Monch Mason*; mas advirto que faltando a estampa, e não sendo muito boa a descripção, que vem nas folhas acima referidas póde ser que me engane em alguma coisa.

Se o auctor Mr. *Monch* seguiu exactamente as fórmas que deu primeiramente ao modelo, com que fez as suas experiencias, primeiramente, em *William Rooms* e depois em *Adelaide Gallery* (que é o que vem

descripto) o dicto novo balão denominado *Victoria* era construído pela seguinte maneira — Tinha a figura de um elipsoide de tão grandes dimensões que no seu bojo encerrava quarenta mil pés cubicos de gaz; era de seda envernizada com verniz de gomma elastica, a que nós chamamos borracha do Pará, coberto de uma rede, como se pratica ha muito tempo, na qual se prendia, immediatamente por baixo do mesmo balão um pilar de madeira leve e n'esta armadura se sustentava um parafuso de Archimedes com seu eixo tubular de bronze de 18 polegadas de comprimento, rodeado de uma *helice* de dois pés de saliencia, cujo plano tinha 15 gráus de inclinação, sendo formado de raios metallicos cobertos na extremidade de uma delgada lamina metalica e de seda. Esta machina sustentava-se entre duas columnas verticaes e tubulares de bronze, girando livremente o eixo do parafuso em aneis sustentados pelas columnas. Da extremidade inferior do mesmo eixo saía uma hastea (agulha ou flecha) que vinha ter á barquinha e alli se apoiava sobre uma chamaceira; em fim por meio de um machinismo proprio se podia fazer girar esta hastea rapidamente e communicar o mesmo movimento ao parafuso. A barquinha era construída de vimes, e [posto que se não diga nada nas explicações] devia ser involta por fóra de alguma tella envernizada, que podesse resistir á agua se cahisse no mar; pois isto se infere de levarem os aeronautas dois marinheiros para a governarem: todo este aparelho estava pendente da rede que cobria o balão. Havia mais um timão (leme ou cauda) feito de canas e coberto de seda, que tinha tres pés de comprimento sobre um de largura, e que se unia ao parafuso por maneira que se não explica; disendo-se unicamente que podia tomar a posição vertical ou horisontal como se desejasse. Estava tambem a dicta barquinha munida de uma ancora ligeira com sua amarra, e de um cabo regulador, que se diz ser muito extenso e grosso; postoque não venha determinado nem o seu peso nem o seu comprimento; mas em verdade devia elle ser bem grande; pois era destinado para arrastar com uma ponta pela terra, e tambem no mar; armando-se então com dois cylindros de madeira leve postos á maneira de bois, um mais acima da extremidade do cabo, outro n'esta. Grandes elogios se fazem a esta invenção do tal regulador, dizendo-se que elle supria o lastro e que marcava estreitos limites de variação ascencional; por que se balão descia uma parte do peso do mesmo cabo se descarregava sobre a terra ou sobre o mar, e se elle subia o peso d'essa parte descarregada limitava a força de ascensão, e que tambem pelo angulo de inclinação que fazia com o horisonte se conhecia a velocidade locomotiva do mesmo balão. — Se com effeito é possível a execução d'este invento então, digo eu, que um balão armado de um tal regulador quando fôr levado por uma forte corrente de vento vae fazendo a figura de uma viuva voando pelo ar com a extremidade da sua cauda arrastando-se pelo chão; mas corre seu risco de se enrodilharnas arvores e de se entalar entre as rochas dos montes quando os atravessar, etc. Indo pelo mar com os seus cylindros boiantes póde embarçar-se na mastreação dos navios, nos escolhos que estiverem fóra da agua, e se passar por cima de alguma ilha ou pegará nos recifes que a bordam ou nas arvores e casas.

E' certo porém dizerem os aeronautas no seu diario — que os dictos cylindros lhes retardavam a velocidade do curso aéreo e que por isso os recolheram á barquinha.

Cabe agora a minha exposição dos motivos que me obrigam a duvidar muito da veracidade d'esta estupenda viagem.

Lê-se no relatorio d'ella que o balão foi cheio de gaz extraído do carvão de pedra por ser mais barato que o gaz hydrogeneo, e como sabemos a relação do seu peso para o do ar atmospherico, bem como a capacidade do balão, examinemos isto scientificamente; eu hei-de sempre fazer os calculos favoraveis ao inventor todas as vezes que me faltarem os dados precisos; assim agora, quando se diz que o dicto balão encerrava 40,000 pés cubicos de gaz não se declara que medida era, se ingleza, se franceza, se hispanhola; postoque se deva intender que é medida ingleza, a qual no pé cubico faz mui consideravel differença para menos do pé cubico francez, *dicto pé de rei*; mas vá o calculo por este maior pé e demos de barato um grande augmento de capacidade ao aerostato *Victoria*. Um pé cubico de ar d'esta medida pesa 1 onça 3 oitavas e 8 grãos (V. Brisson); por conseguinte o peso do ar deslocado pelo balão, liquido do peso que tem o gaz, ou a differença do peso é que faz a força ascencional dos balões. O gaz do carvão de pedra é um composto de gaz hydrogenio, gaz amoniaco, carbonico, e hydrosulfurico, e por isso póde ter maior ou menor peso especifico segundo estiver mais ou menos expurgado de gazes estranhos, a variação de peso, segundo o Dr. Henrique, é desde 345 até 650, tomarei o mais favoravel, que é, segundo Thomson o de 0,600, sendo o do ar atmospherico, 1:000 (Chimica de Thomson V. 5.º pag. 290) este peso especifico é o do gaz do carvão bem lavado na agua de cal e reduzido a gaz hydrogeneo carbonado, que é o melhor que os aeronautas poderiam obter; logo a differença de peso d'este gaz para o ar atmospherico deslocado é de — 1:375 — arrateis portuguezes [mil trescentos e trinta cinco], que fazem toda a força ascencional do balão, a qual ha-de levantar o peso do aerostato, da nova machina, do parafuso, barquinha, oito homens, as suas provisões para 15 dias, os toneis em que se encerravam, os telescopios, barometros e mais instrumentos, as roupas, o lastro de aréa, a ancora, e sobre tudo aquelle grosso cabo regulador que lá das nuvens ha-de chegar com a extremidade á terra. Temos pois de força ascencional . . . . . 1:375 arrateis

Peso de oito homens com vestidos capas e roupas de reserva a seis arrobas cada um . . . . . 1:536 arrateis

Uma canada de agua por cabeça para as 24 horas e tempo de 15 dias a 3 arrateis de peso, [que é o da agua destilada] . . . . . 360 arrateis

Peso da vasilha, que devia ter a capacidade de 10 almudes . . . . . 10 arrateis

Peso dos alimentos, regulado a uma libra por individuo e tempo de 15 dias . . . . . 120 arrateis

Somma já . . . . . 2:026 arrateis

Já nos excede a força ascensional em 590 arrateis e falta ainda o peso do balão que é muito consideravel por ser de seda envernizada com gomma elastica, o da rede, do pilar de madeira, do novo machinismo composto de columnas de bronze e de um parafuso quasi todo metalico, da barquinha com todos os seus aprestos etc. etc. Por conseguinte não é possivel acreditar o que se conta, olhando a questão sómente por este lado; mas ainda a considerarei por outro.

Segundo a relação da viagem principiada no dia 6 de abril passado ás 11 da manhã tiveram os aeronautas um vento norte fresco e suave, que os levou na direcção do sul para o canal de Bristol, e sómente quando avistaram *Cape Clear* é que sentiram vento fortissimo de furacão que os fez mover com a velocidade de 40 a 50 milhas por hora; nos outros dias o movimento de que se dá noticia era de 30 milhas e outras vezes se diz muito veloz sem determinar a velocidade, nem sabemos tambem que qualidade de milhas eram essas de que se falla: supponho-as — milhas maritimas de 60 ao gráu. Postos estes principios e contando a distancia da Inglaterra aos Estados Unidos acham-se 75 gráu ou milhas 4:530 em linha recta, e para correl-as em 65 horas de tempo era preciso uma velocidade constante de milhas 69,609 sessenta e nove milhas e seis decimas por cada hora despresando a pequena fracção de nove millesimas: esta velocidade excede a do vento denominado — tempestade violenta, que é de milhas 68,2 por hora [V. as taboas de M. Rouse e Dr. Lind] quando a velocidade média que se descreve no diario dos aeronautas anda por 40 milhas por hora.

Afirmo tambem, sem receio de ser contradicto por pessoa que d'isso intenda, que o timão, ou leme de canas não era capaz de fazer desviar o balão da linha do vento nem um só gráu quanto mais oito; porque o dicto balão com todas as suas pertencas era arrebatao pela corrente do vento aonde todas as suas moleculas se moviam no mesmo sentido e com igual movimento; logo não podia o seu plano encontrar resistencia nenhuma, nem ponto de apoio, e por isso nenhum effeito faria. Isto que digo é o mesmo que se observa praticamente nos barcos do Doiro, quando descem pelo rio, levados pela corrente: a experiencia já mostrou ha muito tempo aos arraes que o leme ordinario não governava por mais que inclinasse a qualquer lado, e por isso lhes poseram a denominada — espadella — que trabalha á maneira de um grande remo, e de leme. Se a cauda das aves lhes serve muito bem, e tanto subindo como descendo, ou voltando para os lados, é porque o movimento procede da força das azas estando o meio que atravessam sem movimento, ou com elle muito inferior ao que levam.

Attentas pois todas estas razões, que deixo expendidas, não vejo nenhum progresso das artes nem das sciencias no balão Victoria, e parece-me um conto fabuloso. Se porém houver n'elle alguma coisa de verdade, será esta muito diversa d'aquillo que está escripto, e mais prudente é esperar a confirmação da noticia, do que acreditar-a desde já.

Sou de V.

Lisboa 5 de julho de 1844.

Visconde de Villarinho de S. Romão.

## VARIEDADES.

### COMMEMORAÇÕES.

#### A PRINCESA E AS UNIVERSIDADES.

12 JULHO DE 1545.

3152 NOTAM alguns historiadores que a princesa D. Maria, filha d'el-rei D. João III de Portugal, e mulher do principe D. Philippe, que veio a ser 2.º do nome em Hispanha, deixasse os principaes successos da sua vida memoraveis em tres cidades, todas insignes por serem assento de Universidades celebres. Notam pois que esta princesa nascesse em Coimbra, celebrasse suas bodas em Salamanca, e fallecesse em Valhadolid a 11 ou 12 de julho de 1545, deixando recém-nascido ao principe D. Carlos, que depois acabou seus dias desditosamente. — Era a princesa (diz o Chronista Sandoval) mui gentil dama, de estatura mediana, e bem proporcionada, mais para gorda que para magra, de rosto prazenteiro, e riso engraçado. Bem mostrava ser da raça do imperador Carlos V, e muito se parecia com a rainha D. Izabel, sua bisavó. Contava pouco mais de 17 annos de idade.

J. H. da Cunha Rivara.

#### CORREA DA SERRA.

(Carta.)

3153 NA Theoria Elementar de Botanica de *Decandole* que foi o maior botanico da Europa, vem o seguinte elogio ao nosso sabio abbade José Corrêa da Serra — « O termo (symitria) foi empregado pela primeira vez por Linneo, e o seu emprego indica que elle tinha idéas muito justas sobre o methodo natural. Porém Corrêa da Serra foi o primeiro que, nas Memorias da Sociedade Linneanna, desinvolveu realmente, sobre esta materia, considerações novas, secundas, e de que eu tenho feito muitas vezes uso n'esta discussão. »

Se V. julgar que merece ser publicado muito obsequiará este:

Seu assignante

Lisboa 4 de julho de 1844.

#### D. SEBASTIÃO-O-DESEJADO.

LENDA NACIONAL.

VII.

#### A TRAIÇÃO.

Oh! grandes e gravissimos perigos!

Oh! caminho da vida nunca certo!

Que aonde a gente poem sua esperança

Tenha a vida tão pouca segurança.

CAMÕES. — *Lusiadas*.

3154 Convertia-se o seculo XVI no XVII. Permita-nos o leitor que lancemos a vista sobre estas duas grandes épocas, — e as comparêmos em relação ao nosso paiz.

Quando o seculo XVI despontou — viu a India e o Brasil descobertos já por nossos navegadores, a costa de Africa explorada por portuguezes, e muitas ilhas do Oceano reconhecendo o nosso senhorio, — mas estava ainda longe de se firmar a nossa potencia como primeira nação commercial e maritima; — foi durante o seu imperio que Affonso de Albuquerque sugeri-

tou ao sceptro de D. Manuel os mais longinquos paizes, — foi como consequencia necessaria dos grandes feitos de nossos cavalleiros em além-mar, que o commercio então entregue aos mercadores venezianos tomou nova direcção, e os galeões portuguezes vencendo os médos e as borrascas do cabo das Tormentas, as correntes de Natal e Zanguebar, as traições de Mombaça e Calecut — iam levar á India o vinho e azeite de Portugal, os pannos finos de Inglaterra e Castella, barretes, tafetás e calças de seda de Toledo, acolchoados de Napoles, veludos de Genova, damascos de Lucca, sarjas de seda e luvas de Valencia, escarlatas e vidros de Veneza, vasos de Florença, sarjas de lã de Flandres, martotas de Constantinopla, e outros mil objectos, para voltarem a Lisboa onde os aguardava o Levantino, o Genovez, e o Judeu com seus saquites prenhes de oiro, e que a trôco do numerario iam bastecer a Europa de cravo das Molucas, noz e massa de Banda, pimenta e gengibre do Malabar, canela de Ceilão, ambar das Maldivas, sandalo de Timor, beijoim do Achem, tecas de Cochim, anil de Cambaya, pau de Solor, cavallos da Arabia, alcatifas da Persia, sêdas, damascos e porcelanna da China, estôfos de Bengala, perolas de Kalkar, diamantes de Narsinga, rubis do Perú, oiro de Sumatra e Lequio, e prata do Japão!.. ¿porém que nos restava de tanta gloria, de tantos lucros no seculo XVII? — Apenas a recordação do que fomos, do que soubemos e podêmos. Os logares aonde se hasteavam as sanctas quinas na Africa, na Azia, na America e na Oceania lá são salteados por ismaelitas e protestantes, lá se desfolha uma a uma, as flores da corôa tão viçosa de nossos reis; na Europa mesmo, nosso nome é riscado da lista das nações independentes; — e os resultados de tantos desastres em que a Cruz foi menospresada, condusiram a essa lucta sanguinolenta do seguinte seculo, onde a incredulidade e o septicismo se mediram com o Evangelho e os doctores da egreja; e cujo choque produziu ainda o mais terrivel dos males — o indifferentismo do seculo XIX.

Raiara o primeiro dia do anno 1601 da Redempção. — Florença, o jardim da Toscana, não ostentava então suas galas naturaes, seus perfumes balsamicos, porque a estação ia fria e chuvosa, — era uma dôna trajando roupas de luto, — porém a torre da Cathedral ainda elevava até ás nuvens seu campanario soberbo, as *Portas do Paraizo* ainda lá poisavam seguras ao *Baptisterio*, o viajante tinha ainda para admirar as maravilhas espalhadas pelos Medicis sobre aquelle sólo abençoado; e sobre tudo ver o Arno açoitado pelo sueste, debater-se e susurrar como oprimido entre as areadas de marmore da ponte *della Trinitá*.

Sobre esta ponte, concluida de pouco, passeava um monge de Cister; depois de examinar vagarosamente as estatuas do Estio, Outono e Primavera que alli se vêem primorosamente acabadas, demorou-se largo tempo a contemplar a do Inverno, como buscando a analogia entre a obra do cinzel e a obra de Deus, que em toda a sua magestade se lhe desenrolava ante os olhos; algumas vezes interrompia o exame para seguir com a vista a estrada de Pisa, como que aguardando alguém, e logo voltava á estatua.

Um frade dominico appareceu na margem do rio, e foi este o signal para o bernardo concluir a

sua analyse artistica, — correu a encontral-o e travaram ambos conversação.

Nenhum leitor deixará de ter conhecido os respeitaveis e mui sabedores theologos, Fr. Estevam Caveira e Fr. Chrisostomo da Visitação.

— Domine doctor, proferiu o cisterciense ao chegar-se do dominico, com as mãos cruzadas no peito, e a hypocrisia pintada no rosto.

— Que tendes feito, atalhou o doctor Sampayo.

— Tudo! — foi a resposta do primeiro.

— Tudo!?!... Contae-me isso.

— Escutae.

Aqui o bernardo lançou os olhos emtorno de si a examinar se alguém se aproximava; por cautella chegou-se ainda mais do outro frade, e fez em voz baixa a sua infame narração: —

— Chegado a Florença em companhia do nosso homem fui alojar-me, como era natural, em um mosteiro da ordem do meu padre S. Bernardo, introduzi na minha cella o miseravel perigrino, e como tínhamos ajustado fui logo denunciá-lo ao arcebispo de Pisa, ministro do grão-duque Francisco; as ordens para a captura foram immediatamente passadas, e no dia 29 de dezembro, quando o homem me protestava a sua eterna gratidão, sentiu-se agarrado por alguns esbirros e soldados, que á força o arrastaram para a prisão... Depois não tornei a vê-lo, mas constame que está a bom recado.

— Nem Judas Iscariotes o faria melhor. — Agora Sr. D. João de Castro, proseguiu com um riso diabolico o frade dominico, sêde ministro, conselheiro e privado de D. Sebastião.

Uma pouca de inveja fizera um traidor do homem, que primeiro buscou salvar o preso de Veneza. Era frade enobre, tinha muito de ambas as coisas. — ¿E depois, que admirava uma aleivosia em Estevam Caveira? ¿O vencedor de Ditu não esmigalhou as palmas de tão glorioso cerco, sob alguns punhados de oiro castelhano?

— ¿Que nos resta pois a fazer n'esta cidade? perguntou o frade de Alcobaca.

— Nada, tornou Sampayo, partir já para não encontrar os cavalleiros que deixei em Bolonha, e que amanhã devem estar aqui. — A caminho e em Madrid receberás os mil ducados promettidos pelo Embaixador em Veneza D. Francisco de Vêras Aragão.

— Seja por caridade, resmungou Fr. Chrisostomo, e seguiu a Fr. Estevam que a largos passos se afastava da ponte.

No outro dia chegaram a Florença os amigos de D. Sebastião, e julgue-se do seu espanto sabendo da captura do rei, e desaparecimento dos frades. D. João de Castro conheceu então que eram rasoaveis as suspeitas que concebêra da fidelidade de Sampayo, depois que D. Sebastião mostrara mais predilecção por elle (Castro) do que pelo frade; tambem lhe lembrou um successo que ouvira relatar ao rei-prezo, e que lhe não passou mais da memoria, até o estampar com a singeleza que lhe era propria no seu *Discurso da vida do bem-vindo e desejado D. Sebastião, rei de Portugal*. — Foi o caso, que achando-se el-rei recluso na prisão do Jardim em Veneza, pedira uma cruz aos seus fieis vassallos do clero os quaes lhe mandaram um crucifixo de oiro, porém falto de corôa, — d'onde concluiu o desgraçado monarcha que o seu

tempo de reinar não era ainda chegado; mas D. João acreditava agora outra coisa, e via n'aquella falta um aviso celeste, que o seu espirito traduzia assim: Não é dos frades que lhe vicá a corôa.

Todo embebido n'estes preciosos commentarios foi procurar Manuel de Brito; porém o honrado velho estava completamente desanimado: não via salvação possível para o rei, nem esperança para a patria.

Depois de um extenso dialogo a que pouparêmos o leitor, resolveram ir falar ao arcebispo de Pisa, visto ser prohibido o acêssio juncto ao grão-duque; — o ministro attendeu-os, e fez-lhes antever alguma possibilidade de salvação.

O sacerdote mentia infamemente. Alguem notou com grande attenção que n'esse dia caíra um raio na bella cathedral de Florença.

Todas as illusões se desvaneceram em tres mezes: em lugar de ser entregue ao Papa para o fazer julgar publicamente como se dizia e era de justiça, foi abandonado aos agentes de Castella, e conduzido a Napoles em um dos primeiros dias de abril.

Quando o desgraçado prisioneiro atravessava a praça de Sancta Maria para sair de Florença, encontrou ahi os seus leaes amigos que vinham beijar-lhe a mão pela ultima vez; — proscriptos do territorio hispanhol era-lhes defesa a entrada em Napoles: — os velhos choravam!... elles de coração de ferro, como a lamina das suas boas espadas.

Dois antigos conhecidos do leitor aproveitavam esta occasião de se darem mutuamente o adeus da separação.

— Feliz sorte, Sr. Pero Pantoja, Deus vos proteja e a vosso amo, não sendo em detrimento do meu.

— Ide descansado, Ayres Tinôco, que não será D. Christovam, nem esse desgraçado que ahi leaes manietado, que hão-de abater o poderio de Felippe III.

O donzel foi encontrar-se com os portuguezes, e Ayres Tinôco encorporar-se na comitiva hispanhola. Os conselhos do velho Fagundes não tinham aproveitado ao bello pagem: tornado escudeiro seguíra as partes de Castella. Do covarde brotára o traidor. — Sempre assim acontece.

Quanto aos honrados portuguezes que seguiram na adversidade o seu rei, tendo perdido a esperança de o salvar, a menos que não fosse requisitado por algum dos grandes potentados da Europa, — espalharam-se pela Allemanha, França e Inglaterra deligenciando alcançar protecção d'aquelles soberanos. — D. Christovam foi magnificamente acolhido pela rainha Isabel, mas nada pôde conseguir definitivamente. Manuel de Brito, e Sebastião Figueira lançaram-se em Roma, mas o sancto-padre negou-se a intervir na questão; o imperador não foi mais generoso, mau grado aos esforços de Pantaleão Pessoa; e D. João de Castro, o homem leal e desinteressado por convicção e por herança, aquelle que havia jurado no conselho de Cintra defender o seu rei até ao ultimo transe da vida por todos os meios que podesse, — não cessou de trabalhar em Pariz, porém debalde. Defendel-o com a espada na mão era impossivel, que não lhe permitiam invocar o *juizo de Deus*, sustentando em campo cerrado a verdade da causa, por que pugnava, contra qualquer que levantasse a sua luva, — Miguel Cervantes havia esmagado sob o seu riso irresistivel todas as bellas idéas da cavallaria; como Sansão, o ca-

valleiro ultrajado fizêra desabar o templo, embora elle ficasse tambem debaixo das ruinas: — era a vingança do genio, a mais perigosa das vinganças.

Que restava pois a D. João? Trocar a espada pela penna. Assim o fez. — Dirigiu aos Tres-Estados do reino uma memoravel representação sobre o assumpto; publicou, entre outros, o livro que já mencionámos n'este capitulo, e que tornaremos ainda a citar para diante, e morreu velho — pobre e proscripto — mas sem curvar a cerviz ante o throno do usurpador, como cumpria ao neto de D. João de Castro.

Francisco Maria Bordallo.

(Continuar-se-ha.)

#### ADVERTENCIA.

A *viagem de duas mil leguas*, cuja publicação hoje encetamos, escripta pelo nosso amigo o Sr. CLAUDIO LAGRANGE MONTEIRO DE BARBUDA, secretario que foi do governo geral da India portugueza, não se recomenda só pelo nome de seu auctor, bem conhecido de todos os que entre nós professam lettras.

Com um estylo, claro, ornado, poetico, apresenta-nos grande copia de conhecimentos já necessarios, já uteis, já curiosos, e acompanhados a espaços de profundas e philosophicas ponderações: é a geographia e a historia com todo o interesse da novella ou da conversação facil de amigos, que apóz annos de perigrinação praticam em noite de inverno ao canto da sua lareira; é a *Odyséa* e o *Anacharsis* como hoje se devem escrever.

Uma razão ha por derradeiro, demasiadamente certa por onde este opusculo nos carêa a simpathia. O illustre VIAJANTE, que tanto mundo percorreu e observou para si e para nós, nada mais tirou de tão estimada e sentida ausencia da patria, da espôsa e dos amigos, que pesares, desgostos e enfermidades, que hoje o tem preso juncto ao seu leito, e condemnado, elle espirito activissimo, a uma inacção quasi absoluta.

Cada pagina d'estas, que da sua mão iremos passando para as dos nossos leitores, é escripta compulsivo desfallecido a quem só a boa vontade suppre forças, e interrompida por dores e quebramentos de periodo a periodo e quasi de linha a linha.

Não tocámos aqui isto para lhe captarmos indulgencias de que não carece, mas só para não defraudarmos a sua obra de todos os grãos de veneração e interesse, que lhe são devidos.

#### UMA VIAGEM DE DUAS MIL LEGUAS.

##### APONTAMENTOS — REMINISCENCIAS.

##### Introdução.

« C'est le coup d'oeil d'un passager assis sur le pont de son navire, qui voit fuir des paysages devant lui, et que pour s'en ressouvenir le lendemain, jette quelques coups de crayon, sans couleur, sur les pages de son journal. »

Lamartine.

3155 Esta epigraphe, extrahida da introdução de uma obra, que a desmente a cada passo, pela abundancia, pela mestria, e pelo poetico das descrições, suppre, na phrase elegante do culto escriptor, quanto poderíamos dizer d'estes *apontamentos*; — fructo, é ver-

dade, d'uma curiosidade reflectida, mas tomados sem plano, e ao correr da penna, abórdo dos vapores, nas hospedarias, nas estações do deserto, ou em face dos monumentos, que visitámos. — Escrevíamos (e ás vezes quando os nossos companheiros de viagem repousavam da fadiga do dia) só com o intuito de formarmos para nós uma relação diaria da navegação, e do que íamos vendo, não tanto em terras da nossa Europa, que mais ou menos se assemelham, mas n'esses paizes do oriente, em que a natureza e a arte, os homens e as coisas, se nos apresentam sob fórmulas tão novas, e tão variadas! — E mal podia este trabalho, ligeiro e desprimoroso, aspirar ás honras da publicidade, que jámais lhe dariamos, se nos não fizeram mudar de proposito ás lisongeiras instancias d'amigos illustrados, o interesse e agrado natural da matéria, e os poderosos incitamentos da *Revista Universal Lisbonense*, a quem mereceu os mais encomiasticos louvores um pequeno fragmento, que admittiu em suas columnas, relativo ás Piramides do Egypto. (a) Aceda e prolongada enfermidade nos tem inhibido, até hoje, de satisfazer ao que então promettemos; e agora mesmo só mui lentamente irão saindo dos borrões estes apontamentos, para escriptura mais limpa, e alinhada, em momentos furtados a dores; que, ainda assaz vivas, nos atormentam! — *Mens curva in corpore curvo.* —

O sabio *Dupin*, em sua *Viagem á Grã-Bretanha*, producção singular no seu genero, pela vastidão do desenho e superioridade d'execução, na qual, como elle mesmo nos diz, se fazem conhecer as instituições d'esse grande povo por seus resultados, os homens por suas acções, e os costumes por factos, sem conjecturas e sem subtilidades, aconselha aos viajantes escriptores, que se não lancem entre o espectador, e as scenas que lhes abrem, porque as não interceptem com a vaidosa sombra de suas pessoas; — que affastem das descrições e pinturas uma personagem ridicula, estranha aos leitores, que só querem ver os paizes percorridos, as sues riquezas naturaes e artisticas, a physionomia dos habitantes, as suas crenças, industrias etc. — E, bem pelo contrario, outro escriptor, se menos profundo, tão vasto, e talvez mais agradável, considera os livros das viagens como obras de mais commoção, que não d'instrucção, as quaes nos devem fazer participar de todas as penas e prazeres do viajante, como se com elle sempre nos acháramos. Os tractados de geographia são aridos, acrescenta *Aimé Martin*, mas as viagens, com serem tambem obras geographicas, deliciosas todavia; — e a razão é porque n'aquelles a sciencia encontra-se em si mesma, e n'estas personifica-se no viajante, cujas perigrinações e aventuras nos parecem communs. — E não serão conciliaveis estas opiniões tão encontradas? Certamente que sim. — Se queremos como *Mr. Dupin* descrever o estado d'um paiz, relativamente aos seus meios de governação, e de guerra, trabalhos publicos, commercio, industria, ou sob outros intuitos d'igual transcendencia, o seu methodo é sem duvida o preferivel. O leitor, engolfado na immensidade do assumpto, nem sequer pensa no que poderá ter acontecido ao narrador; pos-

toque muitas vezes o assombrem considerações que revelam os estudos profundissimos d'um homem de genio. — Mas como se tracte de simples relações fugitivas, d'impressões recebidas, de scenas presenciadas, — se o viajante se esconde, se não é elle o que nos diz: — *eu vi*, — néga-se fé a informações d'um terceiro desconhecido, e o interesse da narrativa esfria totalmente. — Por dois seculos, ou mais, se gritou contra *Fernão Mendés Pinto*, ou quem quer que foi que escreveu o seu livro, accusando-se d'embusteiro o homem, que parecia escarnecer a posteridade; mas elle continuou a ser lido, não só pela propriedade, e cópia de termos, e flexibilidade do estylo, senão porque, apesar do maravilhoso de suas narrações, custava muito a taxar de mentiroso o escriptor, que, em tudo o que dizia, invocava, com segurança, o seu proprio testemunho. — Hoje o seu credito se acha restabelecido.

Entretanto é força confessar que o orgulhoso desejo de não repetir o que outros já tinham escripto, a supposta necessidade de crear portentos n'esses paizes, onde ha menos d'um seculo se não podia penetrar sem perigo, a tentação, tão fatal e tão frequente, de sacrificar a verdade real e sublime das coisas a pensamentos ingenhosos e requebrados, tem enchido paginas e paginas de noções falsas sobre os povos orientaes, que habitam desde o fundo do Mediterraneo até aos limites do imperio celestial. — Rochedos alpestres e nós tem sido embalsamados de plantas exquisitas e recendentes; — desertos abrazadores povoados de arvores pomíferas, e de ribeiras caudaes; — a belleza natural do sólo adulterada; — e, finalmente, a sua riqueza mentida por especuladores sordidos, gente para a qual o mundo nada tem de real e positivo senão os meios de engrossarem os seus cabedaes. — Basta pizar o sólo do Egypto, do paiz da eternidade, como o appellida *Chateaubriand*, em cujos monumentos está gravada a historia do passado, que a torrente dos seculos ainda não pôde delir, — para nos convencermos da infidelidade de muitas pinturas, postoque auctorizadas, e bem capazes de seduzir pela força do pincel e naturalidade das côres. — As fantasias do poeta e as inspirações do artista não se podem jámais encontrar materialmente traduzidas em toda a sua plenitude; — a natureza, e o grande ideal guardam entre si uma distancia incommensuravel.

Resumida noticia das localidades, mais ou menos desinvolvida, segundo o tempo de que podemos dispor para o seu exame; — accidentes de viagem; — informações estatisticas de pessoas acreditadas, ácerca das terras, em que nasceram, ou residiam, na occasião da nossa passagem; — e a menção particular d'algum ponto notavel, por seu interesse historico, tradicional, ou archeologico; — eis quanto ousámos offerecer á redacção da *Revista Universal Lisbonense*, abalançando-nos, de raro, a fallar dos usos, e costumes de povos, por entre os quaes não fizemos mais do que perpassar. — E não desaproveitaremos trabalho alheio, quando tenhamos de rememorar o que está dicto por ingenhos mais subidos, que podéram observar d'espaco o que apenas nos foi dado relançar.

[a] Veja-se o citado jornal n.º 43 do 2.º vol. — serie 4.º artigo 2012.

Os artigos serão tantos, quantas as desembarcações,



que havemos de fazer para tomar pousadia em terra, além das descripções das grandes cidades, em que nos demorámos: — e em artigo especial nos occuparemos, para conhecimento, e utilidade dos que tiverem de seguir a mesma róta, das distancias entre os portos, despezas, accomodações, bagagens, hospedarias etc., com as alterações, que ultimamente se tem feito nos preços das passagens — anticipando só n'isso a tornaviagem, que, a seu turno publicaremos.

Partida de Lisboa a 30 de agosto de 1839: pelo Mediterraneo, Egypto, Mar-Roxo, e Oceano Indico. — Chegada a Góa a 9 de novembro de 1839.

*Claudio Lagrange Monteiro de Barbuda.*

(Continuar-se-ha.)

## NOTICIAS.

### TOIRO GIGANTE.

3156 ANDAVA meia Lisboa alvoroçada com a esperança que um jornal lhe dera de ver no campo de Sancta Anna, na tarde de domingo, 7, o mais fãnhoso toiro de que havia memoria, desde os de Hercules e Jasão. Era gigante na sua especie, que nem os outros, nem campinos se lhe avizinham, e vivia insulado havia annos n'uma lesira do Tejo, por onde o appellidavam o *feliz independente*. O arrancar d'alli e trazer á córte este indomito philosopho era façanha só para Alcides: concertaram um plano de campanha ainda assim arriscado e executaram-n'o com valentia. Affugentaram-n'o dos seus estados (não sabemos como) contra a beira do Tejo, conseguiram fazel-o fugir para a agua, e logo que perdeu pé do álveo accudiram barcos já para isso aparelhados, lançaram-n'o por ambas as pontas e reconduziram-n'o captivo e embolado para a margem. Do seu itinerario até Lisboa faltam-nos os pormenores, mas cremos que não seriam de grande monta.

Havia tres dias que era chegado, quando o povo o viu sair do curro e lhe festejou o volume com estrondosas palmas; mas o volume foi tudo quanto n'elle houve para festejar. O bruto, que não encontrára entre as suas noções de contracto social coisa, que se parecesse com o direito de o irem arrancar á sua inofensiva felicidade e de o obrigarem por acinte a ser cruel para divertir a alguns centos de mandriões que elle nunca vira, tinha encordado tão de véras, que, desde a primeira hora do seu captiveiro, nunca mais comera nem tornára a mostrar sombra sequer dos seus nativos e silvestres brios: o caso era para endoidecer ou cair em demencia: o nosso *feliz independente* caíra em demencia: debalde toda a manhã que precedeu ao espectáculo se empregou em o espicaçarem e aturdiarem; debalde na praça o farpearam por todos os lados com a mais diabolica perseverança; a tudo resistiu como se fóra de pedra; — se lhe cerrassem as pontas, ou mesmo com ellas, poderia ser a imagem de um estoico.

Desenganados de que não era possivel tornal-o feroz como boa parte dos espectadores, mandaram-n'o retirar com ignominia: — se jámais se torna a ver na sua insula do Tejo, grande habilidade hão-de ter os que pertendendo outra vez logral-o, saírem de lá com vida.

A tarde com tudo, apesar d'este aguamento do gôsto, não se póde dizer que fosse péca; um dos melhores capinhas ficou com um braço desmanchado, e quatro homens de forcado com as costellas dentro, ou pouco menos.

### OUTRO ESPECTACULO NOVO.

3157 CORRE por certo que na corrida de toiros do proximo domingo, no mesmo campo de Sancta Anna, figurará o famoso gigante hispanhol que os nossos leitores já conhecem.

Se assim for, teremos provavelmente outro escusado e deshumano passatempo como o de domingo precedente, porque o gigante — homem ainda é mais pacifico do seu natural que o gigante — bruto, falto de forças corporaes e parece-nos que tambem da ligeireza indispensavel para semelhantes exercicios: mas como todo o empenho é cevar bem a rede para pescar com que encher as trincheiras e a bolsa, attenta a credulidade do vulgo nescio e ocioso, ninguem dirá que não seja a coisa muito bem calculada.

### TEMPORAL EM AMARANTE.

3158 O 27 de junho amanheceu para Amarante tolhado e carrancudo; com relampagos e trovões. Assim correu até ás duas da tarde: então estoirou uma estrepitosa bombardada e caiu um raio na antiquissima e de toda a provincia mui festejada egreja de S. Gonçalo, antigo morador da villa e auctor, segundo as chronicas, da sua famosa ponte. O zimbório e telhados do templo ficaram estremecidos, e comidos todos os doirados dos altares, retabulos e alfaias que n'elle havia.

No mesmo dia por tarde desfechou outra trovoadasobre os vizinhos campos de S. Simão, no concelho de Soalhães, de que ficaram muitos lavradores com as suas novidades perdidas e um mocinho de treze annos morto.

### TEMPORAL DE PENICHE.

(Carta.)

3159 EGUAL ao referido no artigo 3110 da *Revista* foi o horroroso espectáculo que Peniche tambem presenciou na noite de 20 de junho passado. Muitas embarcações que por causa do insupportavel nortio estavam abrigadas n'esta Peninsula desde o dia 19 largaram ás 9 da noite com nordeste, e o mesmo fez o hiate portuguez S. José Boa Uuião, propriedade do Sr. Antonio Joaquim Judice, que ía de Villa Nova de Portimão com carga de azeite, cereaes, e outros productos do Algarve para o Porto. Estava tudo de verga d'alto, e treze navios hispanhoes já seguiam: eis que de repente desfecha a trovoadas, salta o vento ao sudoeste, e leva o dito hiate contra os rochedos fronteiros. Por duas veses successivas o procuraram segurar largando duas ancoras, cnjas correntes logo rebentaram, e foi inevitavel o naufragio. O Sr. Francisco d'Assiz Judice por entre aquellas densas trevas veio a terra buscar auxilio: a tripulação salvou-se, tudo o mais, embarcação e carga, se perdeu, á excepção de vinte seis pipas de azeite. Os hispanhoes viram-se muito afflictos, e com muita difficuldade chegaram a montar o cabo.

Peniche 2 de julho

De V. etc.

de 1844,

*José Nicoláo da Silva Franco.*

**UMA NAU EMPALMADA POR UMA  
CATRAIA.**

3160 Poucas terras ha que não tenham sua bald<sup>a</sup> tradicional, uma alcunha, um apódo, um dichote, cuja origem e explicação muitas vezes se perde nas trevas do passado; *Lisboa* tem o seu homem das botas, o *Porto* as suas tripas, *Povos* o seu cura, *Friellas* o seu padre Julião ou a sua bota, o *Algarve* o seu abril e o mez que ha-de vir, a *Redinha* a sua sepultura de Pilatos, *Olhão* o seu organ, etc., etc., etc.; seria uma curiosa obra para fazer o investigar taes origens.

Os da Trafaria não tinham ainda nenhuma d'estas baldas, a que nem os que as atiram nem aquelles contra quem se atiram, ligam idéa alguma exacta, mas que todas se dão e se recebem como affrontas, que muitas vezes produzem desordens, e desordens graves: mas desde a festa do Espirito Sancto d'este anno, que lhes vá lá alguém perguntar — *se já levaram a nau a Paço d'Arcos* — e verá um temporal desfeito de pancadaria. Ora eis-aqui a explicação para os futuros originadores de anexins.

Entre as peças, que mais haviam de brilhar no fogo de vistas do Espirito Sancto de Paço d'Arcos, avultava uma bella nau de algumas tres varas, toda preñhe de bombas, foguetes, pistolas e todo o genero de artificio pyrotechnico. Estava já assente na antevespera da noite, em que tinha de correr triumphalmente sobre as suas quatro rodas para combater contra um castello e contra os espectadores mais temerarios que se lhe achegassem, senão quando sem levantar ferro nem soltar panno desaparece emquanto os festeiros deitados nas suas camas sonham os bellos effeitos de tão estrondoso combate. — Foi o caso que alguns da Trafaria, vendo a nau desguarnecida e desamparada, e captivados da sua grande elegancia, vieram calladamente pelas trevas, carregaram com ella ás costas até á praya e mettendo-a no seu barco a trasladaram para a costa fronteira, onde a conservam, segundo se diz, encantada para apparecer e servir em festa de S. Pedro, quando os annos houverem amortecido os odios ou tornado possivel alguma composição entre aquellas duas potencias maritimas.

**UM VERDADEIRO PATO.**

3161 « ASSAZ de fama adquiriu, em mais de uma occasião, o gallego, — geralmente conhecido pelo nome de *Pato*, — nome que elle se honrou de adicionar aos que devia ao baptismo e á familia: não é mister narrar-lhe a variada biographia.

« O certo é que o nosso heroe, em dias de absolutismo, provavelmente inspirado por alguém pertencente a qualquer dos oppostos partidos d'essa epocha, commetteu um dos actos de mais espantosa ousadia de que, desde *Codro*, se maravilha a historia dos homens. A horas mortas, atravessou cauteloso a cidade taciturna, com um pequeno embrulho debaixo do braço, tremendo como varas verdes ao aspecto de homem, gato, cão, ou creatura viva: é porque na realidade projectára um attentado hediondo.

« Lá se encaminha para a fundição. . . passa. . . entra no campo do repouso. . . chegado ao caes do tojo olha sobresaltado emtorno a si; o silencio lhe inspira animo. Precipita-se na direcção da viuva, e n'um

estado de convulsão e delirio febril, sobe arrebatadamente pela fatal escadinha, saca o mysterioso embrulho de sob o braço, e pendura-o na fôrca.

« Tal foi porém o terror, que desde logo se apoderou do espirito do monstro, que, pungindo-o a consciencia, as forças o traíram, fugiu-lhe o lume dos olhos, e desceu mais rapido, que subira, pois, sem mais pór pé em degrãos, caiu de tanta altura por terra, e sem sentidos.

« Não é sitio aquelle, que por divertimento se frequente; nem é para admirar que quando, passadas horas, a viração da madrugada chegou, o criminoso tornasse em si e se achasse ainda só, em tão deploravel estado, e em tão aterrorador logar. Desappareceu, sem que ninguém lhe fosse na cóla.

« Mas no dia seguinte a capital inteira estava cheia do acontecimento da noite passada! Desde o Paço até o Caes dos Soldados não se fallava n'outra coisa, e os homens politicos amontoavam calculos, e os tribunaes se preparavam para, em sessão permanente, prescrutar o intuito, o movel, as ramificações de tão inaudito acontecimento.

« Com effeito o que se encontrára na fôrca fôra uma cabeça de um *pato real*, com um distico em roda: *os reaes tambem morrem*.

« O processo foi rigorosissimo; o galego foi capturado, e permaneceu muitos annos na cadeia, sem que nunca compromettasse os seus cumplices, que certamente os tinha, seguindo a opinião geral, pois o homem não tem apparencias de *Marcial*; o seu genero não é o epigrammatico.

« Não nos sóbra espaço para indicar muitos outros incidentes d'aquella aventureosa vida. Chegemos ao caso.

« De Gibraltar, onde ultimamente residia, regressou *Pato* ao Algarve, d'onde veio até Lisboa.

« Ha na calçada do Salitre uma casa má, pequena, e mal-afamada: esta casa pertencêra a *Diogo Alves*, desde o tempo em que fôra bolieiro do Sr. conselheiro *Castro*. *Diogo Alves*, que sempre tivera tendencia para o sexo, estabeleçera alli o quartel general das suas operações amatorias; lá tinham morado varias das suas predilectas; e é fama antiga que, alli se consumaram crimes, e se acham ainda thesoiros occultos: em toda a calçada não ha quem o ponha em duvida.

« E todavia ha muitos annos que a casa se não alugava, porque até appareceu quem asseverasse que n'ella se ouvia, ao bater da meia noite, uma rostolhada seguida de uns gemidos, tudo muito sobrenatural.

O destemido *Pato*, chegando a Lisboa, encaminhou-se logo directamente á casa amaldiçoada; achando-a com escriptos, não pôde conter a alegria com que interrogou os vizinhos sobre a morada do senhorio, a quem immediatamente foi alugar a antiga habitação de *Diogo Alves*.

« Entrou logo de posse, e toda a vizinhança considerava com terror esta singular personagem, a tal ponto que choveram as denuncias ao administrador do bairro, o qual deu as competentes ordens ao regedor, para se vigiar o homem, a casa, e quem lá entrasse.

« Logo na primeira noite se ouviu distinctamente uma bulha extraordinaria, apesar de ninguém, senão o inclino, para lá ter entrado: eram martelladas, eram enchadadas, e depois silencio. De dia, nem o mais leve motim. Na seguinte noite, repetição do estrondo

da vespera. . . Ficaria o bairro deserto, se a auctoridade crusasse os braços.

«Foi-se pois a casa do homem, que se encontrou muito socegradamente encostado a uma pequena mesa, illuminando Sancto Antonio. Passou-se a pesquisar a sua morada, e acharam-se em diversos pontos d'ella muitas taboas levantadas, tecto, sobrado rôto, paredes esburacadas, etc.

«O homem diz que é mineiro, e que andava fazendo experiencias mineralogicas. O provavel, e quasi certo, é que aos seus ouvidos chegou o boato, geralmente accreditado no bairro, dos thesoiros enterrados, e tomou a si o cargo de explorador. Talvez até o companheiro de *Diogo Alves*, que se evadiu para Hispanha, o tivesse directa ou indirectamente corroborado, n'aquella opinião. Tantos indicios porém não sendo para desprezar, a auctoridade tem continuado o exame, que nada produziu ainda, que confirmasse as convicções dos credulos.

«*Pato*, que esteve preso uns dias, foi hontem restituído á liberdade.»

*Restauração de 9 de junho.*

N. B. Por falta de espaço se tem demorado a publicação d'este artigo, que se acha composto ha quasi dois mezes.

#### MACROBIO.

(Carta.)

3162 «MORA em Villa Real de Sancto Antonio no Algarve Domingos Martins, o qual tem de idade 101 annos; é natural de Braga e foi para esta villa da idade de 11. Ainda trabalha por seu officio de çapateiro, usando de oculos sem os quaes pouco vê. Diz que sómente se lembra de ter padecido por espaço de 56 dias em consequencia de um dente que lhe tirou um barbeiro muito bebado e ignorante. Cazou segunda vez em 1838 tendo 95 annos de idade com uma hispanhola de 40, e d'ella houve um filho. Quando estava em melhores circumstancias almoçava pão secco, jantava legumes e peixe e bebia com a mulher um quartilho de vinho, e á noite ceava papas de milho. Ao presente alimenta-se com cebolas, couves cruas, e tomates com pão. Anda direito sem ser encostado a bordão; trabalha ainda até de noite; deita-se ás 9 horas, e levanta-se ao nascer do sol; toma tabaco, e tem perfectas as suas faculdades intellectuaes.»

Dá-me de Villa Real de Sancto Antonio esta noticia o Sr. Primo da Costa Guimarães, — e tenho muito praser em a transmittir a V. de quem sou com toda a consideração, etc,

Lisboa 25 de junho

de 1844.

*João Baptista da Silva Lopes.*

#### DISCITE JUSTITIAM, MONITI.

3163 NA MEIA noite de 5 para 6 do corrente, um criado de servir, que por essas horas costumava ir buscar agua ao chafariz do Loreto, e que fiado nas suas forças ou no effeito da intimidacão que as suas bravatas e ameaças nunca deixavam de produzir nos outros concorrentes á bica, enchia sempre primeiro ainda que ultimo viesse, encontrou n'outro moço uma resistencia inesperada, porque chegando e vendo-lhe o barril já meio, e removendo-lh'o para collocar o seu, o affrontado pegou n'elle com um braço decidido e lh'o atirou por cima da cabeça para o meio da

calçada. Enfurecido com esta ousadia leva da mão e lh'a assenta na cara, e investindo com elle arca por arca se prepara para o lançar ao tanque, mas em tão má hora, que uma faca de ponta, arrancada a subitas entre o lutar pelo seu adversario, o atravessa; foge o matador; o assassinado corre ainda sobre elle dando a voz de *ladrão* até á bocca da *rua da figueira* onde as forças o desamparam e cae.

As patrulhas municipaes, que accudiram, só o acharam a elle, e o fizeram conduzir em maca moribundo para o hospital.

#### AMORES MORTIFEROS.

3164 JUNCTO ao Campo de Sancta Anna na mesma noite, e pela mesma hora pouco mais ou menos, diz-se que realisava o ciume outra semelhante tragedia.

Um namorado (desfavorecido, segundo ouvimos) esperava á porta da sua dama o seu competidor a quem odiava como a rival e como a feliz; vendo-o approximar-se, precipita-se sobre elle, apunhala-o e foge.

#### COMO SE PÓDE SUPPRIR UMA BANDA DE MUSICA.

3165 OS PRATICOS em funcções de arrayaes sabem, bem que entre as obrigações do instrumental se conta, como primeira e indispensavel, o ir buscar na vespera os cargos a casa dos festeiros que os offerecem, e ir entregal-os no fim da grande noite á porta dos devotos que os arremataram. O terreiro de Sancto Antonio, celebrado no largo do Carmo no sabbado e Domingo ultimo, havia ajustado os musicos para o seu coreto; mas no ajuste, ou esquecêra ou se julgára superfluo especificar os triumphos costumados para com os cargos. O resultado foi, que chegada a hora de se deverem ir buscar a casa dos offerentes, tudo desde o zabumba até o flautim se levantou unisono declarando que — não ía por não ter isso entrado no ajuste. — Cidadãos, costumados ao *do ré mi*, não executam senão o que está pautado: argumentou-se-lhes com o uso, responderam com o contracto, instou-se-lhes com a decencia da festa, replicaram com o comodo das pernas, e começaram a tocar a *cracovennue*: os festeiros, que se não haviam de pôr no meio da rua a esgrimir contra os ferrinhos e a requinta, tiveram uma inspiração de expediente e ao mesmo tempo de vingança, que ha-de ser por muitos annos celebrada no visinho chafariz e em todos os da capital: — mandaram vir uma gaita de folles, foram com ella buscar os cargos e com ella tambem no domingo á meia noite, posto que os artistas colligados já então houvessem desistido de sua insocial obstinação, com ella, com a mesma gaita de folles, os foram entregar de porta em porta aos arrematantes: — o gaiteiro ía mais inchado que o proprio folle.

#### PREMIO ARTISTICO.

3166 O SR. Manuel Innocencio dos Sanctos, insigne pianista, harpista e compositor musico tanto sagrado como profano, acaba de ser honrado por S. M. com o titule de mestre de piano dos principes, seus filhos.

O Sr. Daddi pela mesma occasião foi nomeado pianista da real camara.

Ambos estes professores são bem conhecidos por toda a gente de Lisboa, e de fama pela de todo o reino: qualquer d'elles, ou de alguns dos outros que ahí temos illustres discipulos de Fr. José Marques, poderia se fosse viajar por essa Europa tirar de uma vez para sempre a certos pianistas ambulantes a vontade de nos virem mostrar como se toca: o que os nossos teem contra si, é só o fazerem menos bulha tanto nos pianos como nos cartazes.

### RESSURREIÇÃO DO BONECO.

3167 AQUELLE indestructivel boneco, verdadeira Phenix do Sobral do Monte Agraço, de quem fizemos historia no artigo 0000: ainda outra vez ressuscitou.

O festeiro Affonso, que em menos de 24 horas tantas metamorphoses passára, mudado primeiro em boneco de fogueteiro, dilacerado e estoirado por elle mesmo, depois em boneco de palha queimado pelos rapazes, por ultimo, em boneco de papelão sumido pelo Padre Martins, viu-se no seguinte domingo mudado ainda e affixado em uma esquina, como boneco de pintura ou boneco edital.

Com razão indignado de se ver assim resurgir da gaveta do Padre Martins, (onde supposera, que *in aeternum* jaseria) para tornar ás tribulações d'este mundo, dirigiu-se a casa d'elle para se queixar da flagrante violação do seu sepulchro: em lugar porém do padre, inteiramente hospede na materia, encontrou com um sobrinho d'elle, a quem por boas razões attribuia esta sua quarta apparição: o resultado foi pegarem-se á unha, e depois de alguns soccos de parte a parte, cair o desaventurado Affonso de costas em uma regueira, d'onde, já se vê, que resurgiu impassivel para continuar até ao fim este seu fardario de um genero certamente inaudito.

### EXTREMOS DE UM CÃO.

3168 A MORTE, geralmente sentida do Sr. Van-Zeller, mancebo gentil-pessoa, de excellentes qualidades e numerosos amigos, foi seguida de um acontecimento não unico nem rarissimo, porém merecedor de ficar mencionado n'esta folha.

Um cão, seu companheiro nos passeios e caçadas e que ainda o serviu na ultima em que o excesso da fadiga e calor originaram a molestia que em poucos dias veio cobrir de lucto uma honrada familia, depois de ter sido inseparavel do leito do enfermo, haver presenciado com todas as mostras de consternação a sua agonia e passamento, e todos os preparativos para a ultima jornada, acompanhou o saimento, entrou no cemiterio, viu dar o corpo á terra, — e quando curiosos, convidados, amigos, parentes, sacerdotes e por ultimo os coveiros, tudo havia já desaparecido, quando, no funebre logar ao cair da noite, não permanecia senão aquillo que só não desampara nunca os finados, que são as pedras e os ciprestes, escarvou sobre o sepulcho recente quanto lhe bastasse para elle tambem ficar e deitou-se. Deu-se por elle passados dois dois: agonisava já, não lhe

restava de forças senão o indispensavel para mostrar a sua invencivel repugnancia a desamparar a nova pousada do seu amigo.

Se é licito, se é justo, se é rigoroso dever attribuirmos a um animal assim um crepusculo de entendimento, como tambem é necessario concedermos-lhe uma certa memoria do coração, que poeticas saudades não deveram occupar-o n'essas longas horas de solidão e silenciosas trevas! ; como o pio dos passaros e o susurro das plantas lhe avivariam as idéas das suas caçadas e do seu caçador, dos seus communs trabalhos e prazeres! — Quem podesse adivinhar todos os magoados amores, que de certo lhe ferviam lá dentro e que, semelhantes a um veneno activo consumiam o vaso que os continha, e, adivinhando-os, os escrevesse — á fé, que encheria uma pagina de muito nova e muito formosa poesia para envergonhar e instruir a muitos homens.

### AMORES DE TIGRE.

3169 DE Villa Real nos escreve o Sr. S. um horrendo facto passado a 20 de junho ultimo entre o logar de Donello e a villa de Provesende.

Caminhavam sós da villa para o logar uma velha viuva com uma filha na primeira flor da mocidade, que era, pela sua honestidade e muitas graças, a soberba dos seus cabellos brancos, a alegria dos seus olhos e tambem a esperança doirada dos seus derradeiros dias. Em sitio escuso e emboscado, sem visinho nem passageiro a essa hora, rebenta-lhes d'entre um moitado um homem cujo rosto desconhecido as sobressalta: — picam o passo, segue-as chamando: — alcança-as; — detem-n'as: — faz-lhes propostas infames. — A moça não córa, enfia, e agarra-se convulsa ao braço da mãe: esta porém (até ave inermes defende com furia a sua prole) rebate com termos entre supplicantes e ameaçadores os convites, as ordens, as intimações peremptorias do covarde salteador de mulheres, do determinado assassino da honra e da innocencia: aos primeiros desejos se ajuntam no coração do malvado os da vingança: — arranca a ovelhinha do lado materno; derruba a sua fraca defensora; — procura arrastar a victima para fóra do caminho: as duas lutam e gritam: — o porfioso da lucta o desespera; os gritos o intimidam; o tempo corre: se alguem sobrevier, não só a presa lhe haverá escapado mas está perdido. — A esperança de vencer já o desampara; só lhe fica a de vingar-se: apunhala a filha; derruba novamente e espanca a mãe; — e desaparece.

Uns cavadores, que por ahí acertaram de passar uma hora depois, foram os que descobriram este quadro espantoso; — a donzella estendida sem sentidos n'um charco do seu proprio sangue; — a mãe debruçada sobre ella sem dar accôrdo da vida e tapando-lhe as feridas com uma das faces e com ambas as mãos.

Levaram-n'as para o logar proximo onde se lhes deram todos os possiveis soccorros. A mãe tornou em si, mas a respeito da existencia da filha são muito graves os receios.

### ERRATA.

A pag. 560 — col. 1 — linh. 49 a phrase não saiam senão nariz deve ser não saiam senão pelo nariz.

Na mesma pagina — col. 2 — linh. 61 emvez de apesar téa-se appear.